

EDITORIAL

IA ainda não está no norte dos investimentos

Apesar de discutirmos muito os avanços da Inteligência Artificial (IA) nos últimos anos, conhecendo soluções que podem contribuir em diferentes frentes dos negócios, o uso de recursos baseados em IA ainda não faz parte da rotina da maioria das empresas.

Um levantamento realizado pela Qive, plataforma voltada para a gestão de pagamento de contas, aponta que apenas 33% das companhias dizem utilizar IA no dia a dia, e só 16% investiram em orçamentos dedicados em soluções de IA nos últimos 12 meses. A pesquisa mostra ainda que 40% não investem financeiramente nesse tipo de tecnologia. A pesquisa, realizada entre agosto e setembro de 2025, ouviu 406 profissionais de diferentes setores e portes de organizações.

É claro que o uso da IA nas empresas desperta também alguns receios. No entanto, o ponto em que estamos é o de convocar as pessoas para assumirem o comando do uso de IA, aproveitando as tecnologias a partir das ações intelectuais dos profissionais, já que o conhecimento é insubstituível. Muitos profissionais temem perder suas posições, mas quem realmente vai ficar de fora é quem perder o bonde e não aprender e aproveitar essas iniciativas.

Não precisamos voltar muitos anos para rever outros momentos como o que estamos vivendo, em que grandes mudanças tecnológicas atravessaram os processos como até então eram conhecidos. Então, a hora é de aprendizado e de entender a melhor forma de explorar a IA no seu negócio. Investir nessas ferramentas como aliadas – não como substitutas – para aprimorar processos.

ISADORA JACOBY
@isajacoby

EXPLORAR

ESG: moda ou necessidade? 5 dicas práticas para empresas



Andreas Buchholz, é sócio da Igapó, startup focada em ESG

Todas (ou quase todas) as empresas desejam perpetuar seus negócios por muitos anos. Mas poucas param para encarar uma premissa essencial: não existe longevidade empresarial sem planeta e sem recursos naturais. A preocupação financeira é legítima. Ainda assim, existe um jeito mais inteligente de tratar essa pauta: enxergar sustentabilidade como gestão de risco, eficiência e visão de futuro.

1. A dor é mais urgente que o propósito: é desconfortável admitir, mas a verdade é que antes de entrar no lado inspirador do impacto ambiental, é preciso traduzir a pauta em dores que a instituição reconhece, como custos altos, riscos, mão de obra, imagem institucional, exigências legais. Mesmo quando o propósito é genuíno, a mudança só se sustenta quando vira prática viável. A única maneira de realizar uma mudança efetiva no mundo é torná-la rentável.

2. Sustentabilidade é investimento: muitas empresas querem avançar nas pautas ESG, mas ainda enxergam a sustentabilidade como custo. O ponto é mudar a lente: iniciativas sustentáveis também são iniciativas de eficiência operacional, como reduzir desperdi-

cio, otimizar insumos, diminuir retrabalho, aumentar controle e fortalecer a imagem e a reputação.

3. O que não é mensurável não é gerenciável: assim como todas as áreas do negócio têm indicadores para mensurar performance, a sustentabilidade deve seguir o mesmo caminho. Comece com poucos indicadores e acompanhe com regularidade, focando no que mais traz retorno para a empresa: geração e destinação de resíduos, consumo de água e energia, desperdício, emissões estimadas.

4. Comece pelo que está mais perto: erro comum é querer abraçar o mundo e acabar não mudando nada. O caminho mais eficaz é começar pelo que está ao alcance: processos internos, compras, descarte de resíduos, cultura da equipe. Sustentabilidade é um investimento de longo prazo.

5. Troque ações pontuais por cultura e rotina: sustentabilidade não é um evento, uma campanha ou um post bem-feito. É rotina, padrão e, principalmente, disciplina. Empresas maduras criam processos, definem responsáveis, treinam times e fazem o que tem que ser feito, entendendo que a ação de agora é o resultado que será alcançado no futuro.

Geração-e

Com foco em fermentação natural, padaria abre segunda loja na Capital

Toda criança já sonhou em ser astronauta, super-herói ou jogador de futebol. Com Guilherme Olmedo, no entanto, a aspiração foi diferente. Dono da Oliva Padaria Artesanal ao lado da mãe Simone Oliveira, ele sabia, desde pequeno, o caminho que iria seguir. "Nasci com isso. Lembro que, na quarta série, a professora fez uma atividade: 'vamos fazer um desenho do que vocês querem ser quando crescer'. E eu desenhei um cozinheiro com um pão", recorda o padeiro, que começou a fazer pães em casa desde que descobriu o processo de fermentação. Aponte a câmera para o QR Code ao lado e confira a matéria completa.



DANI BARCELLOS/ESPECIAL



ISADORA JACOBY
Editora-assistente
@isajacoby



JÚLIA FERNANDES
Repórter
@eujuliafernandes



DENER PEDRO
Estagiário
@denerpedro_



GUSTAVO MARCHANT
Estagiário
@marchxnt

Editor-chefe:
Guilherme Kolling
Projeto gráfico:
Luís Gustavo
Van Ondheusden